

SERMAM

DE

S. JOAÓ DA CRUZ,

QUE FEZ

O P. LOURENCO RIBEYRO,

OFFERECE-O

A O S E N H O R

FERNAM TELLES

DA SYLVA,

CONDE DE VILLARMAYOR,&c.



L I S B O A.

Na Officina de MANOEL LOPES FERREYRA.

M. D C. X C III.

Com todas as licenças necessarias.

SERI

DE

S. JOAO DA CRUZ

QUE FAS

O L'OURINGO RIBEIRO

OBRA RAREZA

AOS SANTOS

FERRAMA TELLES

DA SULAV

CORNE DE VITRARIA YORGE



LISBONA

N.º Oficina de M. NUNO LOPES FERREIRA

M.D.XCII

Com toque de J. M. da Cunha



SENHOR.



O Sermaõ, que dediquei ao Excellentissimo Senhor Marquez de Alegrete , pay de Vossa Senhoria , busquei o patrocinio do ditto Senhor para o poder imprimir ; neste reconheço a benignidade de Vossa Senhoria para lho offerecer : naõ he justo que os erros do discurso no rude estylo, com que falo , façaõ desmerecer alguma coufa o affecto, com que o dedico. Quanto mais, que

A ij

va-

TWII

valendo nada o Sermaõ por meu , já
fica merecendo que todos o estimem
por offerecido à Pessoa de Vossa Se-
nhoria, que Deos guarde muitos an-
nos, &c.

SENHOR

O Senhor, que deu
drei os Excepcionis
meo Senhor Miserere
de Alentejo e bsa de
Vossa Senhoria, para
drei o beneficio do
meo Senhor para o bequer impunitum;
que se lecouperdo a penitencia de
Vossa Senhoria para o officio;
não pernaso de os erros do diligencio
no triste exilio com dñe fijo, falso
delincencias geras corria o sínodo
com dñe o gesíco. O sínodo mais dñe
A.ii



SINT



SINT LUMBI VESTRI PRÆCINCTI.
Luc. 12.



ONFESSO que saõ innumeraveis as virtudes de S. Joao da Cruz, que tenho para louvar, & me faltaõ ate as palavras para applaudilas. Quem naõ vê ja, que no panegyrico, que fizera este Santo, supposto que naõ he de parecer suspeito, por ser estranho, ficarei muito diminuto, por carecer de todas aquellas noticias, que tem os proprios? Terribelis difficultades me cercaõ; porém os motivos da desconfiança haõ de ser as causas do alento. O que me houvera de obrigar a temer, ha-de ser a mayor rasaõ para animarme: o que por sua essencia se engrandece, naõ necessita de eloquencia alhea, que o magnifique. Santidade, que se manifesta por si mesma, naõ ha mister muitos periodos, que a declarem; por isto de todo o Evangelho de hoje me naõ valerei mais que das primeiras quatro palavras, que citei por Thema: *Sint lumbi vestri præcincti*, quanto a locuçãõ for menos; tanto os elogios seraõ mais. Conhecerse ha, que he começar a dizer, naõ he acabar de applaudir. E só entao fica o assunto cabalmente engrandecido, quando a eloquencia, que começa a applaudillo, o naõ acaba de louvar.

Ao Baptista começo a louvallo a Sabedoria increada: *Cæpit Matth. 7. Jesus dicere de Joanne*, entendo, que o mais perfeito panegyrico do maior dos nascidos, era tocar em poucas palavras o que com dilatada locuçãõ se naõ podia comprehender. Tudo o que disser neste dia, seraõ principios dos louvores de S. Joao da Cruz. Como naõ he possivel comprehender as suas virtudes, para exagerallas todas, começarei a louvar húa só, para que dahi se infira a grandeza das mais. Do pouco que disser, se colherá o innumeravel, que he impossivel louvar. Todos sabem o grande, o dilatado, &c o profundo do mar, ainda que ninguem o vadee. O podermos chegar

sómete às prayas, dôde parece q̄ principia a vastidaõ das suas agoas, naõ faz que erre o nosso discurso, suppondo-as pouco dilatadas; antes do menos, que chegamos a ver, inferimos o mais que com a vista naõ podemos averiguar. Mar de santidade he o glorioso S. João da Cruz; porque está tão abundante de virtudes, como o Oceano de agoas. O falar sómente em algúas, naõ he negarlle a numerosidade das mais; ponderar húa só naõ he suppor falta das outras; por isso accommodandome às palavras do thema: *Sint lumbi vestri præcincti*, me coarctarei có o principio do Evâgelho á primeira acção da sua vida: *Quæ prioris ipsius vita ratio fuerit*, já que naõ espero acabar de o applaudir, contentarmehey sómente com começar a louvallo. Servirmeha do Evangelho o principio, & da sua vida a primeira acção no appellido da Cruz; para o fazer com acerto necessito da graça. *Ave Maria.*

Sint lumbi vestri præcincti

A Pertos na vida encommenda nosſo Redemptor aos que desejão salvarſe. Naõ exprime com quantas virtudes devemos cingirnos; porque suppõem que de todas se deve tecer a gala do Ceo, com que nos devemos adornar; só diz expressamente que vivamos com apertos: *Lumbi præcincti*; mas que apertos ſão estes? Cuido que no appellido de S. João da Cruz fe manifestao os apertos, que o Evangelho nos inculca. Lá mandou o Senhor, que os que houvessem de seguirlo, se negassem a ſi, & carregassem as suas cruzes: *Abneget ſemetipſum, tollat Crucem ſuam, & ſequatur me*, como o negarſe a ſi he dos apertos o mayor, para entendermos que esta he a mais apertada Cruz, diz o Senhor, que o seguiremos com as noſtas, quando nos negarmos a nós mesmos; porém no sentir de S. Basílio, esta cruz, ou este aperto da negação de ſi proprio parece que he o cumie de toda a perfeição dos maiores Santos: *Abnegatio ſui nihil eſt aliud, niſi ſumma rerum omnium ſuperioris vita oblitio, atque à ſui ipſius voluptatibus receffio*. E fe eu prometti pregar de S. João da Cruz, louvando a primeira acção de sua vida, como hey de ponderar o seu mayor aperto na negação de ſi proprio, que he a ultima acção, por onde os maiores Santos acabarão? Respondendo, que eu já disse, que S. João da Cruz era hum mar de santidade; & fe o mar começa por onde os rios acabaõ, claro está que naõ havia de começar a virtude de S. João da Cruz, ſenão pelo mayor aperto da negação de ſi mesmo, & da sua Cruz propria, por onde

onde se acaba de aperfeiçoar a virtude dos outros Santos.

A diferença que ha entre os rios , & o mar, he que os rios começao de pequenas fontes , & acabaõ em caudalosas correntes : começao com agoa pouca em hum regato breve , & acabaõ com muita inundação em húa foz dilatada ; finalmente começao da terra , & acabaõ no mar. Só este tem a singularidade de começar grande ; por isso principia donde os rios acabaõ ; nas prayas aonde os rios achaõ termo a suas correntes , reconhece o mar dilatado principio de suas agoas. No mesmo lugar, aonde os rios acabaõ grandes, começa o mar crescido , & fica mayor que os rios todos. Isso mesmo he o que vemos em S. Joaõ da Cruz, se o compararmos com os mais Santos. Huns saõ poços de virtudes , & mananciaes de santidade, como se diz da Espola dos Cantares : *Fons hortorum, putens aquarum viventium*, outros saõ copiosas fontes , como chamaou S. Pedro Damiaõ aos Apostolos, representados nas doze fontes de Elim : *Quid duodecim fontes, nisi duodecim Apostoli?* Alguns saõ caudalosos rios ; por taes reconhece Hugo Cardeal aos Doutores da Igreja: *Flumina sunt Doctores Legis divinae, qui rigant hortum Ecclesia aquis doctrinae, & sapientie.* Só S. Joaõ da Cruz he mar de santidadade ; porq; começou pela Cruz, & aperto da negaçao de si mesmo , que he a mayor perfeição dos justos , por onde todos acabaraõ. Bem posso logo para louvar a este Santo, tomar por assunto a sua primeira accão, ainda que seja a ultima de todos. Demos principio ao discurso.

A primeira cousa q nos encommenda o Evangelho na celebri-dade de S. Joaõ da Cruz, saõ apertos : *Lumbi precineti*, & a primeira accão de sua vida he a mortificaçao, que nos manifesta a Cruz do seu appellido ; nem a Cruz serve mais que para padecer , nem os apertos se dirigem menos que a mortificar. Ajuntando pois a Cruz do sobrenome com os apertos do Evangelho , bem deixa ver se jà a excessiva mortificaçao, com que este glorioso Santo começou a servir a Christo ; & a rasaõ he ; porque denotando a Cruz a morte mais rigorosa, o Evangelho inculca multiplicados apertos, & mortificações, que solicitava aquelle generoso espirito, como se a húa só Cruz do appellido para ser grande , houvessem de corresponder tantos apertos do Evangelho : *Lumbi precineti*; mas se he o mayor valor o de quem resiste a muitos contrarios, & se se acredita de mais dura a pedra, que não obedece a muitos golpes, o espirito de S. Joaõ da Cruz já fica qualificado de heroi-co , por se não render aos apertos da sua Cruz , ainda quando

*Cantic.**cap. 4.**Petrus**Damia-**nus.**Hugo**Card.**tom. 2.**Ps. 97.*

mais apertado das mortificações, que anelava.

Na escola dos trabalhos, mortificações, & molestias, se graduou em todos os séculos a heroicidade: serviolhe sempre de meyo para alcançar eterna fama, o muito que tolerou. Nem pôde haver mais agradável espetáculo, que ver a hum espirito abraçar animoso os trabalhos, para deixallos vencidos. Se o triunfo he de quem vence, muitos conseguiu o animo, que combatido do rigor das molestias soube superar a todas, & a nenhuma cedeo. Que vista pôde haver mais gloriofa, que a daquelles golpes, que quiseraõ contristar a nossa constancia? Alli tem o espirito toda a rasaõ de se gloriar, aonde pode a tyrannia apartallo do corpo, sem que o fise-se ceder; porque o mayor timbre de hum animo generoso he triunfar das molestias, convertendo em trofeos de gloria propria as mesmas feridas, que executou a ira alhea. Quando os Anjos perguntaraõ a nosõ Redemptor, que eraõ as Chagas, que se lhe viaõ nas mãos, respondeo o mesmo Sênhor, que eraõ prendas, que recebeo dos que o amavaõ: *His plagatus sum in domo eorum, qui me diligebant;* mostrou que tendo desejo de padecer, o lisongearaõ os homens em lhe dar occasião de as sentir; por isto havendo de aparecer no Ceo gloriofo, manifestou as Chagas nas mãos, para se ver que ellas lhe davaõ a gloria às mãos cheas.

Zachar.
Cap. 13.

Cland.

Gen:.

Nos sujeitos grandes o tormento, que se padeceo, foi gloria q se conseguiu. A molestia que combateo o animo, foi trofeo de que se adornou o espirito. Mede-se o triunfo, que se consegue, pelo trabalho, & pena que nos mortifica. Em a nuvem carregada de penas se fragoaraõ os rayos de valor, que deslumbraraõ ao orbe todo com a claridade de sua luz. Preciosas chamou Claudio às tempestades, que succediaõ no Tejo; porque a furia dos ventos quando lhe alteravaõ as agoas, comunicavaõ mais o ouro de suas areas. Ficava o rio correndo entaõ com mais prego, quando da tempestade estava mais combatido. O escudo melhor parece abolhado, q luzido. Nenhum espirito grande soube estimar muito o que lhe custou muito pouco; porque os corações alentados desdenharaõ sempre para grinalda as flores, que ao primeiro abrir da maõ conseguiraõ. Ordinariamente estimamos pouco tudo o q facilmente alcançamos. Sò o que nos custa mais, parece merecer-nos toda a estimação, que lhe damos. A Jacob amou-o mais Lia, q Raquel, & com tudo só a segunda logrou a primasia, ou a singularidade do seu amor: *Amorem sequentis priori pratulit.* Só a Raquel soube o coração de Jacob dedicar todos os afectos. Como Lia foi alcan-

alcançada sem desvelo , & por Raquel chegou a servir quatorze annos , elegeo Jacob parecer ingrato a Lia, que mals o amava, para dedicar todo o seu amor só a Raquel , por quem tantos annos servira.

O que a menos custo se alcança,naõ merece estimação excessiva ; porque só as molestias que padecemos,fazem que valha mais o que por ellas conseguimos. Lá offereceo Abner a David entregarlhe todo o Reyno de Israel , & respondeo aquelle Príncipe , q nem o admittiria a falarlhe , se primeiro lhe naõ restituhisse a Micol,que havia merecido por esposa por cem Filisteos,que degollára : *Non videbis faciem meam antequam adduxeris Michol filiam Saul,* ^{2 Reg.} ^{cap.3.}

na estimação de David valia o Reyno menos ; porque naõ havia arriscado a vida, & derramado o sangue por consegui-lo. Só Micol valia mais, pois havia batalhado com cem Filisteos por merecilla. Por isto no Empyrio, como notou S. Joaõ em o Apocalypse, havendo de se dar a gloria toda ao Filho de Deos , naõ diffieraõ os Anjos, que como a Pessoa Divina lha davaõ ; só affirmaraõ , que pelo que padecera a merecia : *Dignus est Agnus , qui occisus est, accipere virtutem , & divinitatem , &c.* he que a mayor gloria que se posse,consiste toda só no que se padece. Naõ a merecemos pelo que somos,senão pelo que sentimos : devemola às penalidades,q toleramos, pois só por elas a merecemos.

Apocal.

5.

E que melhor prova pôde ter esta verdade , que o glorioso objecto da celebridade presente ? Fundou S. Joaõ da Cruz a sua gloria nas penalidades , crendo que nas occasiões de padecellas tinha infalliveis motivos para se gloriar. Se no que padecemos está toda a gloria que gozamos, claro está que para S. Joaõ da Cruz haviaõ de ser a mayor gloria as suas penas ; pois está o merito da que se posse, só no q se padece ; naõ consiste no q logramos venturofos, senão no q vivemos penalizados. E agora acabo eu de averiguar,q a honra naõ está no que a dà, nem no que a recebe ; porque he só de quem a merece. Como o fazer honra a outrem naõ he padecer, & como tambem o aceitalla naõ he trabalhar, nem o qne a dà , né o que a aceita,pódem nomealla propriamente por sua , pois lhe falta o merito das penas , & mortificações , q costuma appropria-la aos que padeceraõ. O espirito de S. Joaõ da Cruz naõ quiz outra honra,que os mesmos trabalhos, naõ appeteceo outra gloria , que a das suas penas. Buscando muitos as mortificações , como meyos, & caminhos para a gloria,que desejaõ alcançar , S. Joaõ da Cruz buscou-as só pela gloria de as padecer. Como dellas sahem os su-

geitos muito benemeritos, por ellas queria verse tambem o mais glorioso; porque naõ appetecia as penas pela gloria, q̄ depois delas costumão todos possuir ; fundava só no padecellas a sua gloria.

Todos sabem que das empresas, & accções mais heroicas tomáram̄ os heróes os seus mais gloriosos appellidos. Não repito os nomes dos que se referem no sagrado Texto, & nas letras humanas, assim por não cançar aos que me ouvem, como tambem por entender, que a quem os sabe melhor que eu , feria offensa o repetirlihos, & só pôde ser lisonja o callallos : quanto mais que basta

Marti- por todos o objecto da celebridade presente : *Unum pro cunctis fa-*
al.lib.1. *ma loquatur,* digo só que todos temos hum nascimento para a vi-

Epig. 1. da ; & podemos ter outro para a heroicidade, hum quando nascemos, outro quando obramos. No primeiro temos nome, que nos dà a vontade alheia ; no segundo adquirimos renome , que nos conseguem as obras proprias. Quem pois quizer saber quaes forão as de S.João da Cruz, na que lhe serve de appellido verá recopilado o que padece ; porque na mesma Cruz, que tem por renome, está manifesto o glorioso titulo, que lhe grangeárão as suas mortificações. Como toda a sua vidá foi húa pesada Cruz, com que seguiu ao Redemptor, appellidou-se della , não tanto para mostrar que se honrava de a padecer, quanto por nos mostrar que , sendo seu, tinha obrigação de a não deixar. Por isso o Evangelho na presente celebridade, para lhe fazer o mayor elogio, só declara os apertos, & mortificações, com que S.João da Cruz se cingio, para nunca deixar de os padecer : *Lumbi præcincti.*

Se consiste a mayor gloria dos justos no padecer, não havia de propor o Evangelho para os aplausos deste Sâto mais que o peso da sua Cruz,& os apertos, que o mortificârão. O mar , que he representação propria do grande da sua virtude, parece que está comprovando a verdade deste meu pensamento. Todos dizem q̄ o nome de mar se deriva de amargura ; porque quanto se estende o mar em suas agoas,tanto se manifesta abundante nos amargores. Nas prayas,na superficie,& no mais profundo , não admitte porção algúia de agoa o mar, aonde se não sinta amargor sempre. Mar he de Santidade o glorioso S.João da Cruz, tão copioso nas virtudes, como abundante de mortificações: no recolhido do claustro, no alto das contemplações, no profundo da humildade,& no extenso das virtudes todas, sempre o havemos de ver hum mar de amarguras,hum aggregado de penas, & hum Santo rodeado todo de angustias,& cercado de apertos. Parece que assim como se não creou

creou o mar, senão para ter amargores em suas ondas, & agoas; assim tambem S. Joaõ da Cruz nascio sómente para sentir dissabores, & molestias em todas as suas acções; por isto se appellida o mar dos amargores, que encerra, & S. Joaõ da Cruz pelos apertos que o mortificaõ. Denomina-se o mar amargo pelo dissabor, que lhe achamos até na porçaõ de agoa mais minima; & chama-se S. Joaõ da Cruz pelos apertos, & mortificações, que reconheccemos até na menor acção de sua vida.

Nas prayas está o mar continuamente beijando com humildade a area, que o opprime, & tem preso; nem a resaca he mais que húa continuada cortesia, que fazem as ondas, retirando-se abatidas. Mas nesta mesma humildade, com que o mar corteja aos pequenos grãos de area, veremos quebrar-se as agoas, desfazer-se as ondas, & gemer o mesmo Oceano, publicando com roucas vozes, & repetidos estrondos, o trabalho que continua, & a opposiçāo das areas, & pedras, que lhe resistem, & o encontraõ. No alto açoitão os ventos ao mar, como querendo-o tirar de sua esfera: cruaõ-no furiosos, & inquietaõ-no violentos; & supposto que lhe não alterão o sosiego no centro, não podemos negar, que no exterior o contrastão com repetidos combates. Até os rios, que entraõ no mar, não só parece que lhe querem impedir as crescentes, mas ainda manifestão querer-lhe comunicar a suavidade de suas agoas, sem reparar, que a quem se appellida do amargor proprio, he violencia-grâde applicarlhe a suavidade alhea. Tudo isto que se experimenta no mar material, se reconhece no metaforico.

Aos mais humildes venerou S. Ioaõ da Cruz com os mayores rendimentos, reputando-se pela mais vil das criaturas. As pessoas de menos esfera (que sempre são estas as que costumão fazer aos justos maior opposiçāo) trattou com maiores obsequios. Continuo foi o carinho, com que correspondeo aos que injustamente se lhe oppunhaõ. Nunca as murmurações dos oppostos puderaõ alterar aquelle animo. Por mais que se augmentassem as tribulações, nunca foi menos, nem o pode parecer o sosiego daquella alma. Vio o mundo sempre a este glorioso Santo atribulado, & perseguido; porém nunca pode ver descomposta a perfeição daquelle espírito. Esteve sempre alli a virtude como em seu centro; por isto o rigor das tribulações a não alterou, ainda que imitasse a fúria dos ventos no mar, que por mais que o combatão, nunca lhe alterão o centro. Que de veses correraõ os gostos a buscallo, & os converteo o Santo em amarguras? Como não queria viver senão

apertado, & afflito, as mesmas suavidades dos gostos recebia como molestias ; porque não erao como os queria. Tanto se havia cingido com as mortificações , que os mesmos gostos , quando o buscavaõ para o divertir, só lhe serviaõ de o mortificar ; porque como desejava sómente tudo o que podia magoallo, nos contentamentos humanos achava a pena sempre de o buscarem como gostos , suspirando nelles tanto pelas penas. Até a purefa da sua vida, sendo o que lhe agradava mais que tudo , com a publicidade o mortificava ; contentando-se della no exercicio , o affligia no aplauso ; quanto se satisfazia della , quando servia mais a Deos , tanto se mortificava, se lha louvavaõ. Tendo o seu gosto posto só na virtude, achava summo desagrado na plausibilidade. Como em tudo queria ser afflito, até da sua virtude propria tomava a bondade para merecer, & o aplauso para se mortificar.

Quem não aborrece os aplausos, não tem o mayor amor à virtude ; a mais heroica, assim como ama as boas obras, assim tem odio à noticia. Bom he obrar o que mereça applaudirse ; mas seja de modo, que se fuja à plausibilidade ; porq não está o mayor aplauso do justo só em o merecer, senão em o desestimar. A mayor virtude , a mais heroica , he a que se satisfaz de si mesma ; quem não attende mais que ao bem que obra , nem quer que saibaõ q ob a bem , porque não tenhaõ occasião de lho louvar. Diminue aos justos muito da bondade propria, pagarse da estimação alhea. Quem visse a S. Ioão da Cruz mortificado de ver manifesta a sua virtude, amanda tanto ; diria , que era igual ao gosto de a ter , a pena de lha louvarem. Como não queria fer applaudido em coufa algúia, a noticia do bem, que obrava, era a mortificação , que mais o affligia : desejava ser reputado por mao , por isto se affligia tanto de q o avaliassem por bom. Lá falou Jeremias da mortificação de hum grande espirito, & comparou-o com o mar : *Magna est velut mare contritio tua* ; porque assim como as correntes dos rios, que o mar administra occulto , vão publicamente parar nos amargores do Oceano ; assim a publicidade das virtudes, que se exercitão escondidas, se encaminha à mortificação daquelle espirito , que as desejou encobrir , para que ninguem as soubesse.

Thren. 2

Mar foi S. Ioão da Cruz, não só de santidade pela muita que teve ; mas tambem de amarguras pelas innumeraveis , que sentio ; pois excedendo aos numeros as boas obras, que exercitou, em todas padeceo os dissabores de as ver avaliadas por boas. Que penas não sentio aquella alma sempre, vendo que todos o estimavaõ por

yirtuoso? Que mortificaçao lhe naõ causou a plausibilidade da sua virtude? Empenhando-se o seu affecto em a exercitar, sentia q algua pessoa a soubesse. Tanto se empenhava em obrar bem, como em o encobrir. Entendia q era a alma das virtudes a virtude de as occultar. Os q tem algua noticia das accões de sua vida, reparem no q obrou no seculo, na Religiao, & na reforma, & conhecerao q naõ he encarecimento o q digo. Secular, Religioso, & Descalço, sempre viveo mortificado, buscando occasiões de sentir, & sentindo sobre tudo ver publica a sua virtude, que desejava occultar. A verdadeira virtude sempre se acauteiou dos olhos dos homens; por isso no Evangelho de S. Mattheus encômenda nosso Redemptor, q se naõ manifeste o q obramos: *Attendite, ne justitiam vestram facias coram hominibus,* sabe que a publicidade do bem q obramos, Matth. cap. 6.

pôde suggerirnos vâgloria, para le perder o q merecemos; por isso māda occultar a virtude, para escusar o risco da plausibilidade. S Clemente Alexandrino quer q até de si mesmo recate cada hum a boa obra que executa: *Si eleemosynam facis, nemo sciat, sed neque ipse, qui miseretur, debet scire se misereri;*, tão occultamente devemos fazer as obras de piedade, que naõ só havemos de fugir dos olhos alheos, mas até dos nossos proprios. Parece demasiado hyperbole, porque se o homem ignora que obra bem, já naõ obra bem algum. Para a execuçao da boa obra he muito necessário o conhecimento, naõ basta o obralla, requere-se tambem o conhecella, está o merito em conhecer o que obramos: *Bonum opus non solum Celada à materia, sed a bonitatis notione bonitatem feneratur,* disse hū dou-in Iudit.
to Expositor. Logo faltando a noticia, he necessário que tambem falte a bondade. Como se diz pois, que até nós mesmos devemos ignorar o que obramos, se para obrarmos bem havemos de saber que he bom o que fazemos? Respondo, que essa ignorancia he a sciencia das virtudes. Devem saberse os actos virtuosos quanto ao exercicio, & haô de ignorarse para a plausibilidade. Ha de obrarse a virtude tão occulta, que apenas possíamos ter noticia dela, para o merito, & para o aplauso havemos de ignoralla, como se a naõ tiveramos obrado; & a rasaõ he; porque a publicidade da boa obra lhe tira toda a bondade, fazendo-a perder o q merecia.

Do bem que se obra occultamente, diz Christo Senhor nosso, q o vê o Eterno Padre: *Pater tuus, qui videt in abscondito.* Se o ver de Deos he estimar o que fazemos, parece que a publicidade do que obramos lhe desfaz o merecimento, & lhe aniquila a entidade: pois naõ vê Deos accões publicas, & só olha para as secretas. Essa Matth. cap. 6.
he

he a diferença que ha entre o ver de Deos , & o ver dos homens. Os homens vem o manifesto , Deos vê o escondido. Os homens olhaõ para o público , Deos para o occulto. Os homens olhaõ à face , Deos olha para o coração. Os homens yem a galhardia do corpo, Deos à bondade , & pureza da alma. Os homens a appaixão , & Deos a realidade : *Homo videt ea que parent* , *Deus autem intuetur*

cor, disse o Senhor a Samuel. Compõem-se o homem de corpo , & alma ; esta occulta, aquelle manifesto. O corpo anda patente sempre aos olhos , a alma só a conhece o entendimento ; ninguem ha de negarme, que esta melhor porção do ser que temos , tanto ha mais preciosa, quanto anda mais escondida. Bem conheceo o glorioso S. João da Cruz , que era alma das virtudes a virtude de as occultar ; por isso obrando sempre bem, queria que se ignorasse o bem que obrava. Daqui vinha, que o desejo de occultar as suas virtudes lhe convertia as alheas notícias em mortificações proprias. Isso dizem as palavras do thema : *Lambi præcincti*. Apertou-se tâo aquelle glorioso espírito, que nem deu lugar à noticia do que acabava de obrar. Conhecia as virtudes, quâo as obrava para as obrar como devia ; mas perdia logo toda a lembrança dellas, para que nem elle proprio ficasse com algúias notícias do bem que havia obrado. Como o bem que obrava, não tinha outro fim mais, que o de querer obrar bem, amava só as obras, & desestimava as notícias. E desta forte a lembrança, que lhe ficava das suas virtudes , era o mais tyranno verdugo, que lhe augmentava as mortificações.

Matth. Persuado-me neste lugar a que S. João da Cruz, ao revés dos outros Santos, não amava os trabalhos só pelo gosto de merecer nelles, senão por ter excessivo desejo de se mortificar. Os mais justos tiverão os trabalhos, & mortificações por merecimento. Ve-se nas palavras de S. Pedro : *Secuti sumus te ; quid ergo erit nobis ?* Porém S. João da Cruz tomou os trabalhos, tribulações, & apertos da sua vida por merecimento, & por premio. Manifesta-se no modo com que até de si mesmo queria recatar a noticia das suas operações. Apenas havia obrado, quando já estava esquecido. Parece que todo o premio do que padecia, estava só em padecello. Não aspirava a outra gloria para premio das mortificações, que tolerava, mais que o gosto de as tolerar. Quem obra bem para se esquecer do que obra, satisfaz-se com obrar bem sómente, não quer premio pelo que acaba de obrar. Aquella ação, de que perdemos a lembrança , já se não encaminha a outro fim , parou em si mesma. Isso tem de mais heroica, que se manifesta menos interessada ; pois mostra que se obrou bem,

bem, só por ser bom o que se obrou; naó porque se pretendesse outro bem diverso para premio. Obrar bem para ganhar o Ceo, he merecimento muito grande; mas esse he o estylo ordinario, com que obráraõ os Santos todos; porém obrar bem só pelo gosto de obrar bem, naó ha duvida que faz muito singular a virtude, & a deixa maior que todas as mais. A virtude, que se obra por ganhar o Ceo, tem por premio a gloria, que naó he a mesma virtude, que a merece: porém a virtude, que se exercita por ser virtude sómente, como naó aspira a outro premio, que seja diverso de si mesma, he maior que todas as mais; porque se naó satisfaz com o commun premio de todas.

Os outros Santos servirão a Deos para os galardoar, S. João da Cruz o servio só pela gloria de o servir. Os mais servirão-no para se veré galardoados, S. João da Cruz sómente por servillo. Os mais pelo premio, que querião merecer, S. João não o servio mais que por servillo sómente. O que excede a contrição á attrição, nos manifesta a ventagem que fez S. João da Cruz aos mais Sátos no modo, com que servirão a Deos todos. A attrição he pesarnos de haver offendido a Deos, chorando a perda de sua graça, que desmerece a nossa culpa; & a contrição he chorarmos a culpa só por ser offensa feita á Bondade Divina; a primeira olha para o que perdemos, a segúda só respeita a quem aggravamos. Na attrição olhamos para Deos como quem pôde castigarnos; na contrição só para a infinita Bondade, porque devemos servillo. Servio a Deos S. João da Cruz só pela bondade que ha em Deos; por ser digno de o servirem; não porque o serviço lhe merecesse outro premio, qual he o da bemaventurança, porque todos os mais o servirão. Abona-se esta verdade com aquella sua prodigiosa resposta, quando o Senhor lhe perguntou, que premio queria que lhe dêsse por havello servido? Pois disse S. João da Cruz, que não desejava outro mais que o padecer por seu amor. Oh Santo mayor, que todo o encarecimento! Bem dizia eu, que foi ao revés dos outros Sátos.

Neste Evangelho de hoje manda Christo Senhor noslo, que se cinjão os que o houverem de servir: *Sint lumbi vestri præcincti*, & logo diz que o esperem com o premio: *Vos similes hominibus expectantibus Dominum suum*; porém na resposta de S. João da Cruz vejo eu que não espera pelo premio, & sempre suspira por servir. Não serve porque a gloria o haja de premiar, serve a Deos, porq o servillo basta para o satisfazer; não quer mais premio ao que padecer por servir a Deos, que o padecer por servillo. Quando elegemos

mos meyos para conseguir algum fim, amamos mais o fim, que os meyos, por onde o conseguimos. Logo quem serve a Deos por alcançar a gloria, mais ama a gloria, que pretende alcançar, do que o servizo do mesmo Deos, por onde a deye conseguir. Assim servirão a Deos os outros Sátios, servirão-no pela esperança do premio; porque esperavão que Deos os havia de galardoar. Mas que singular, que fino, que desinteressado, & que heroico se descobre hoje S. João da Cruz! Não ama o servizo de Deos pela gloria, que isso fora amar mais a gloria, que o servillo; serve a Deos só pelo gosto de o servir, não quer que o premio de servir a Deos seja outro mais, que o servillo sómente. Quando todos os mais Santos querem prémio por servir a Deos, S. João da Cruz tem o mesmo servir a Deos por premio; nelle funda toda a sua bemaventurança. Não ama a Deos como todos, porque o serve como elle só. Não o ama mais que pelo amar, porque o serve só pela gloria de o servir.

Joan.13 A maior finesa do amor Divino foi mandarnos Christo, q nos amassemos a nós mesmos do modo, que elle nos amava: *Mandau novum do vobis, ut diligatis invicem, sicut ego dilexi vos.* Como vulgarmente a correspondencia do amado he o premio das finesas do amante, quiz Christo encarecermos a novidade do seu amor: *Mandatum novum,* com mostrar que nos amava só por nos amar, sem esperar que lhe quissemos corresponder. Quando todos amão para ser amados, he singularidade heroica amar por querer amar sómente; he novo, & singular extremo, desprezar o premio da correspondencia, satisfazendo-se a vontade só com a gloria de amar: *Diligatis invicem sicut ego dilexi vos.* Este excesso que obrou Deos para comnosco na singularidade do seu amor, parece que o executou S. João da Cruz também com o proprio Deos. Amou a Deos pelo mesmo estylo, que Deos nos amou a nós; não por outro algum premio mais, que pelo gosto de o amar, sem querer mais que a gloria de o servir. Por isto dizendo-lhe o Senhor, que elegesse, & pedisse premio a seus merecimentos, respondeo, que só queria padecer por servillo. Antepoz o servizo de Deos à mesma bemaventurança, que he o premio que alcançamos pelo servir.

Os mais Santos buscão o descânco eterno por premio do que padecerão, servindo a Deos na terra; S. João da Cruz não quer descansar, sempre quer padecer; não busca a gloria do Empyrio, que he o descânco de todos, anela os trabalhos da terra, aonde descansa sómente. Não quer outro premio dos trabalhos, & mortificações que padecem mais que tornallos a padecer de novo, por

não

naõ deixar de servir. Abonemos este pensamento com húa ponderação, que por ser do mar, naõ parecerá de agoa doce. Que descanso achamos no mar? O acceso, & recesso de suas agoas, & continuo movimento de suas ondas, que manifestão, senão hum trabalho incessável, em que o mar està desde a creaçao do universo? Paraõ algum dia as agoas das fontes, & dos rios; porque nas prayas aonde chegaõ, o mar lhes tira as correntes. Alli descansão do trabalho de correr; porque o mar os recolhe, premiando o devélo de o buscarem. Só o mar naõ cessá de moverse; de dia, & de noite, a qualquer hora, todos os instantes està o mar em hum continuo movimento; mas se parasle, como houvera de ser mar? Eis ahi a rasaõ, porque S. Joaõ da Cruz naõ quer mais que padecer; sendo hum mar de santidade, havia de obrar sempre, naõ podia buscar descanso algum, pois o mar o naõ admitte; por essa rasaõ elegeo o servir, & padecer ainda, pedindo as mortificações como premio do méreclido nas paſſadas.

Na Cruz do seu appellido se està reconhecendo o immenso desejo que sempre teve de padecer, pois a Cruz nunca deixa de o acompanhar; como lhe serve de renome, parece que só nella fûda todo o seu premio de servir; por isso naõ padeceo S. Joaõ da Cruz só os trabalhos, que o affligiraõ, tambem sentio a falta delles. Nos trabalhos teve o gosto de elles o fazerem padecer, & na falta dos mesmos trabalhos sentio a pena de naõ ter occasião de os tolerar. Como buscava as penas por gloria, necessariamente lhe havia de dar a falta dellas a mayor pena. Jà me persuado a que, ainda que S. Joaõ da Cruz se soube cingir bem com todas as virtudes, como se exprime no Evangelho, com as tribulações se cingio ainda muito mais; porque as elegeo para premio, & teve por gloria o padecellas. Os apertos, & trabalhos, que pedio, naõ forão para merecer outro premio mais, que a gloria de os tolerar. Naõ os buscou para se lhe premiar o padecellos, senão por padecellos sómente. Quando chego a este ponto, naõ posso acabar de definir quem he S. Joaõ da Cruz. Vejo que naõ he Anjo na realidade, & parece-me mais que homem na virtude. Os Anjos no Ceo naõ servem para merecer; porque fôra da gloria que possuem, naõ ha mais premio que esperar. Alli se manifestão servindo: *Omnis sunt ministratorij spiritus*, & alli mesmo os reconheçemos gloriosos. Naõ servem para alcançar, servem sómente por servir; & porque diga tudo; naõ servem no Empyrio a Deos mais que pela gloria de o servirem, sem esperança algúia de premio.

E que sendo homem puro S.Joaô da Cruz, emprendesse na terra, & executasse o que obraô os Anjos no Céo! Que sem esperanças de premio servisse a Deos, como se fora espirito celeste! Que servindo só os Anjos a Deos, sem esperar outra gloria, servisse S.Joaô da Cruz só pela gloria de o servir! Obrar como Anjo, sendo homem! Servir como Bemaventurado, sendo viador ainda! Prodigios são que o meu juizo os não alcança. Sei que este glorioso Santo não he Anjo por natureza, mas parece Anjo não operações; sendo homem na realidade, parece mais que homem no modo de servir; pois nas mortificações, que padece por servir ao Senhor, não quer outro premio mais que a gloria de as padecer por servilho. S.Gregorio Nazianzeno para encarecer a admiravel fortaleza daquelles Santos, que padecerao mais, chamoulhes: *Spirantes columnas*, columnas pelo que sustentaõ firmes, espirantes, & vivas pelo que sentem mortificadas? He verdade que são homens, mas pela paciencia não parecem o que são, nem são o que parecem. São vivos, porque tem alentos para sentir; & parecem columnas, porque toleraõ, & sustentaõ sem desmayar; são vivos, porque sentem o peso das tribulações, ainda que tenhaõ gosto de padecellas; & são columnas, porque as padecem firmes, & constâtes, tendo por coroa o sentillas. Mas com licença de todos, a nenhum Santo se pôde accommodar tanto este titulo, como a S.Joaô da Cruz; porque só elle carregou todo o peso das tribulações, só elle elegeo a Cruz por premio, & os apertos por gloria, para nunca deixar de os padecer: *Lumbi præcincti.*

*Gregor.
Naz.*

Aquelle espirito rodeado sempre de afflicções, aquella alma sustentando firme o excessivo peso dos trabalhos, pedindo-os para os padecer de novo, como se nunca os tivera padecido, elegendo-os por premio das mortificações, que primeiro havia tolerado, parece que já morreuo para o descango, & que ainda vive para os sentimentos; está morta para os premios, & ainda tem vida para os serviços. Já espirou para não esperar premio às tribulações, & ainda respira para as padecer, mas por isto mesmo he columna, porque fazendo-o espirar os trabalhos, não labe aspirar a algum premio, lie o *Non plus ultra* da tolerancia, assim na immensidate de mortificações, que sentio, como no singular modo, com que as padeceo. Não parece S.Joaô da Cruz humano, como na realidade he, parece mais que homem, tem semelhanças de Divino. Do quarto manuscrito, que vio Nabuco na fornalha em companhia dos que mandara lançar nella, disse que era semelhante ao Filho de Deos: *Et*

*Daniel
ap.3.*

species quarti similis Filio Dei. Achou que o sentir as molestias por gosto de sentillas, era padecer sem esperança algúia de premio; & quē o nāo busca nas tribulações, que padece, troca as realidades de humano em semelhanças de divino. No mar ha grande semelhança do Ceo; assim o adverte Hugo Cardeal: *Mare speciem Caeli habet*, nāo só porque o retrata, servindolle de espelho, para que o Ceo nelle se reveja; mas tambem pelos amargores que encerra, sem esperança de se adoçar: he verdade que he mar por natureza; mas parece outro Ceo pela singularidade, que notāmos. Cortase a terra, abre-se com o arado; porém he para se coroar de fructos: esta he a condição de tudo o mais, excepto o mar, que nāo espera adoçarse pelos amargores, que sustenta, nāo tem premio algum que o coroe, pelos dissabores, que lhe achamos.

Hugo
Card.

Se m duvida que S. João da Cruz abrio todo o coração para as penas, & o cerrou de todo aos alivios; sendo mar largo, aonde couberão todas as mortificações, se estreitou de forte, que nāo admittio algum descânço, nem coube em seu animo esperança alguma de premio. Daqui nasceno a sua promptidaõ no servir a Deos, sendo o primeiro que se descalçou na reforma. Quem se nāo admira de vera S. João da Cruz para as mortificações fervoroso, & prompto, para o exemplo o primeiro, & para o despreso dos premios unico? Maravilha grande chamou S. João à Molher do Apocalypse: *Signum magnum apparuit in Celo*, & foi porque vio azas com que voou para o deserto, deixando a coroa, & premio, que no Ceo pod a possuir. Querer servir sem esperar, até no Ceo he hum prodigo muito grande. Buscar as penas por gloria, até no Empório he hū a maravilha muito rara. Deixar a gloria da coroa pelo trabalho d o servir, fugir do descângio do Ceo, para as molestias do deserto, he buscar as tribulações por gosto, estimar os trabalhos por premio, & padecer as molestias por gloria, sem querer outra gloria mais que o padecellas. Eu entendo, que na visão do Apocalypse se copiou o espirito deste glorioso Santo. Se as Estrellas saõ Armas do Carmelo, deviaõ construir diadema a algum Sāto Religioso desta Ordem; mas Santo que se despojou do calçado, nenhum houve nesta Religião primeiro que S. Icaô da Cruz. Elle foi o primeiro que poz em exercicio a reforma, & passou no Ceo do Carmelo do polo da Observante, para o da felidaõ, & deserto da reformada. Que contradicções nāo sentio, que opposições nāo experimentou? E que mortificações nāo padeceo? Digaõ-no as grandes azas que notou o Evangelista na visão: *Ale dñe Aquila ubi sup.*

Apocal.
cap. 12.

magna

magna, se as azas constaõ de pennas, muitas teve S. Ioaõ da Cruz, & muito grandes quando passou à reforma. Quem advertir o modo com que voa, ha de reconhecer o excesso com que padece ; porque as azas, com que voa aquella Alma do Ceo para a solidão, estão manifestando as penas com que caminha S. Ioaõ da Cruz desde hui ao outro polo. Mas de hum Santo, que suspirou sempre tanto por padecer, não podia esperar-se menos accções, que a de voar, para entêdermos, que os voos que dão no mesmo Geo da Religião da Observancia para a reforma, são penas grandes, que o acompanhão, & excessivas mortificações, que nunca o deixão, & cada vez mais e apertão : *Lumbi præcincti.*

Porém he justo suspender o voo, a o discurso ; pois conhego q̄ de S. Ioaõ da Cruz só posso começar a dizer, & nunca hei de acabar de louvallo. Accções grandes não pôdem caber em periodos breves. Se he empreza inutil querer recolher o mar em húa concha, não he menos impossivel recopilar a vida de S. Ioaõ da Cruz em hum só panegyrico ; mas se a grandesa do mar se não occultá a quem lhe ve a playa, tâbem a santidade, & virtudes de S. Ioaõ da Cruz se não poderão encobrir a quem lhe vê sómente a primeira, ella só pôde ser verdadeiro elogio das outras ; porque da extensão das suas mortificações se colhe a numerosidade das outras virtudes, que teye. Supra a copia grande dellas as faltas desta minha oração : que o ouro sempre fica sendo o metal mais rico, ainda que seja menos primorosa a mão do artifice que o polio. Admitti pois, glorioso Santo, o affecto, com que vos venero ; & se minha rudeza deixou diminutos os vossos louvores, ao menos conhecera o mundo, que dizendo eu quanto pude, não pude manifestar quanto vós sois. Influhi em nossos corações o desejo de vós imitar ; accendei em nossas almas aquelle amor de Deos, com que sempre o soubestes servir, por servilho sómente, sem esperança de premio, que pelos serviços se costuma alcançar. A mim me dai algúia porção do vosso espirito, para que tenha a dita de Elesfeu, ainda que não seja filho do Carmelo ; & quando não possa imitarvos a vós, por ser muito singular, & muito unica a vossa virtude, imitarei aos que vos seguem, sendo tão observantes da reforma. Alcançainos finalmente para todos muita graça, para servirmos a Deos cada vez mais nesta vida, conseguiremos a gloria na outra. *Ad quam nos perducas, &c.*

LAUS DEO.